

Desafios atuais apontados pelos alunos em relação as questões de gênero e sexualidade

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

 0000-0002-2125-1947

jdowlevi@gmail.com

José Gregório Viegas Brás

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

 0000-0002-0374-748X

zevibras@gmail.com

Resumo: Trata-se de uma pesquisa de campo. Para Louro (1997), questões sobre gênero não é negar, mas construir uma relação sobre corpos sexuados, seguindo os preceitos biologicamente orientados, mas, com a valorização da construção social historicamente demarcados. O objetivo desta pesquisa foi buscar a percepção dos sujeitos participantes sobre o tema. Na metodologia foi escolhida de modo aleatório uma instituição de ensino superior, na cidade de São Luís/MA, com a participação dos alunos no 1º, 4º e 8º período no curso de licenciatura. Os dados coletados foram categorizados com as variáveis: período cursado no momento da pesquisa, idade, religião, profissão, renda e questões sobre gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Universidade.

Abstract: This is a field survey. For Louro (1997), questions about gender is not to deny, but to build a relationship on sexed bodies, following the biologically oriented precepts, but with the valorization of social construction historically demarcated. The objective of this research was to search the participants' perception about the theme. In the methodology, a higher education institution was chosen in a random way in the city of São Luís / MA, with the participation of students in the 1st, 4th and 8th years in the licenciatura course. The data collected were categorized with the variables: period studied at the time of the research, age, religion, profession, income and questions about gender and sexuality.

Keywords: Sexuality. Genre. University.

1 INTRODUÇÃO

A partir da necessidade de conceituar as sexualidades, encontramos conforme Paraíso & Caldeira (2018, p. 13), que sexualidades,

são vivências de sensações, desejos e prazeres que, se podem imprimir sofrimentos e exclusões, do mesmo modo podem desencaixotar emoções, insuflar uma erótica desejante no mundo e fazer tremer os controles que buscam a todo custo conter a vida que jorra.

Vivemos numa sociedade onde buscamos ser aceitos para fazer parte e para isso, concordamos com suas normas, daí adotamos muitas posturas que podem machucar ou maltratar corpos que não obedecem ao que foi consagrado como certo ou normal.

De acordo com Louro (2010, p. 17) “A heterossexualidade é concebida como —natural e também universal e normal”. Sendo assim, a perspectiva de se pensar numa sexualidade do ponto de vista da diversidade, é uma proposta que parece ainda ter muitos desafios a serem superados, devido a performance que se espera frente a modalidade aceita como normal, que é o caso da heterossexualidade, consagrada como um parâmetro a ser seguido por todos, mas que não atende a todas as expressões dos desejos sexuais, pois para a mesma autora (p.17) a heterossexualidade é “uma forma de sexualidade [...] generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos”. E nesse processo de modelação da sexualidade, cabe aqui destacar a necessidade de se perceber as chances de diversificar a discussão na apresentação de outras expressões de desejos sexuais.

Considerando a importância das discussões em torno deste assunto, pois segundo Weeks (2010, p.48) “Os sentidos que damos a nossos corpos e suas possibilidades sexuais tornam-se, de fato, uma parte vital de nossa formação individual, sejam quais forem as explicações sociais”. Deste modo, a necessidade de se olhar para a diversidade das expressões dos desejos sexuais, influenciam na nossa forma de ver o outro, pois, é para além do entendimento de conceitos sobre as sexualidades, pois para Weeks (2010, p. 49) “não estamos preocupados com a questão do que causa a heterossexualidade ou a homossexualidade nos indivíduos, mas, em vez disso, com o problema de por que e como nossa cultura privilegia uma e marginaliza — quando não discrimina — a outra”.

E nessa construção social de conceitos e valores, percebe-se que há uma necessidade de classificação da sexualidade, como se quisesse entender ou compreender a sua diversidade, mas nota-se de acordo com Weeks (2010, p.62), que “nosso senso comum toma como dado que esses termos demarcam uma divisão real entre as pessoas: há “heterossexuais” e há “homossexuais”, havendo um outro termo para aquelas que não se ajustam exatamente nessa clara divisão: “bissexuais”.

2 UMA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) FRENTE A DIVERSIDADE DA SEXUALIDADE

A partir destas perspectivas sobre as sexualidades, vamos passear no espaço educacional, especificamente na escola, pois, de acordo com Britzman (2010, p. 85), as questões que envolvem a sexualidade, faz nascer algumas perguntas, tais, como: “Será que a sexualidade muda a maneira como a professora e o professor devem ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria?”. É um grande desafio relacionar as questões que envolvem sexualidade com a docência e, talvez estejam aí o cerne da questão, falar da diversidade sexual com professores e professoras no processo de sua formação acadêmica para saberem lidar com o tema em sala de aula, pois para Britzman (2010, p. 89) “a sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade. Podemos insistir que a sexualidade é a própria alteridade.” Demonstrando que mesmo a cultura escolar, pode não conseguir modelar ou orientar ou reprimir a diversidade da sexualidade, mas pode ser um espaço para democratização das mais variadas expressões da sexualidade, por isso, conforme Britzman (2010, p. 93),

Se o sexo é um tema assim tão instável em seus objetivos, conhecimentos, prazeres e práticas, o que pode, então, ser feito com que os educadores continuem dispostos a argumentar a favor e contra o sexo, a vincular o construto do sexo apropriado ao construto da idade apropriada, e a se preocupar sobre qual conhecimento existe em quais corpos em quais circunstâncias?

Diante de tantas questões, pode-se pensar que há necessidade de se abordar a diversidade da sexualidade no âmbito escolar, bem como buscar meios de se trazer a tona a discussão pedagógica na escola através dos professores. Já que precisa ser um espaço de aprendizagem também da sexualidade, pois, para Hooks (2010, p. 115), “Nós professoras e professores, raramente falamos do prazer de eros ou do erótico em nossas salas de aula”, desta forma fica bem explícito que as questões do prazer envolvendo a sexualidade, parecem não ter espaço no ambiente escolar e quando lembramos da formação de futuros professores, de acordo com Hooks (2010, p. 115), percebe-se que “As faculdades [...] sempre foram um bastão da repressão. O mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem se anulado, tem que passar despercebido.” Daí tantos entraves podem ser reconhecidos para o enfrentamento destas questões envolvendo as sexualidades, já que a faculdade na oferta do ensino superior, pode impor limites a discussões, dependendo de suas crenças e valores. Para, Hooks (2010, p. 122).

Não há muito ensino e aprendizagem apaixonada na educação superior hoje em dia. Mesmo onde estudantes estão desesperadamente desejando ser tocados pelo conhecimento, professores e professoras ainda têm medo do desafio, ainda deixam que suas preocupações sobre perda de controle prevaleçam sobre seus desejos de ensinar.

E assim, podemos perceber conforme a autora que o espaço do ensino superior ainda não é tão livre e promissor de grandes descobertas, pois, é necessário buscar a promoção de mais estudos e análises sobre estas questões que envolvem as sexualidades, pois, para Oliveira (2017, p. 61) “Ao considerar que a diferença sexual foi concebida, seguindo uma lógica falocêntrica [...]”, cabe então ao espaço de formação dos futuros professores ofertarem maiores oportunidades de discussão onde todas as sexualidades, sejam contempladas por direitos naturais de existirem e serem vistas, pois conforme Charlot (2013, p. 53), “A educação é política”. E de acordo com o autor reforça a ideia de que precisamos dialogar e discutir propostas que representem também a diversidade da sexualidade do ponto de vista da democratização dos desejos sexuais, pois para Charlot (2013, p. 55),

dizer que a educação, ou a escola, ou os programas, ou o controle pedagógico etc. são políticos, ainda não é dizer grande coisa. Tudo é político, porque a política constitui certa forma de totalização do conjunto das experiências vividas em uma sociedade determinada.

E, considerando este discurso sobre a política da educação, percebemos que atos como exclusões ou inclusões podem estar relacionados aos conceitos do que é certo ou errado, onde incluir ou excluir pode ser resultado do ato político da escola, de professores, e dos programas que contemplam a formação dos futuros docentes. Diante disso, como o professor pode desenvolver o ato político de ser inclusivo na atual educação brasileira sobre as questões da diversidade sexual? Lembrando que somos seres sociais, políticos e culturais, que estão em constante processo de mudanças e aprendemos com alguém sobre o que sabemos hoje, por isso, cabe ressaltar que sobre os valores repassados para a população, de acordo com Charlot (2013, p. 56),

a educação transmite à criança os modelos de comportamento vigentes na sociedade. Trata-se de modelos de trabalho, de vida, de troca, de relações afetivas, de relações de autoridade, de conduta religiosa etc. Eles definem o comportamento dos indivíduos diante dos outros indivíduos e das instituições sociais, e regulam sua participação na vida dos grupos sociais.

Então, o que sabemos ou aprendemos, acontece também na convivência com o outro, e pensando na escola, aprendemos o que sabemos de certo ou errado, também na escola, onde nos são dito, de acordo com Oliveira (2017, p. 27) sobre a sexualidade apresentada, a partir do ponto de vista da “heteronormatividade [...] como norma que regula, justifica e legitima a heterossexualidade como a forma de sexualidade mais natural, mais válida e mais normal em detrimento das outras, vistas como negativas e inferiores”.

Diante dos desafios acima, sabemos que de acordo com Franco (2012, p. 162), que “é certo que o professor sozinho não transforma a sala de aula [...]” não queremos aqui colocar toda a responsabilidade da função social da espaço educacional nas mãos da docência. Desta forma, percebe-se que conforme Franco (2012, p. 171), necessitamos

“construir uma Didática que, por meio de sua prática, crie espaços para a negociação cultural, enfrentando os desafios da assimetria, e caminhe na direção de um projeto em que as diferenças estejam contínuas e dialeticamente articuladas.” Permitindo que aos poucos nesse processo de transformação elabore-se estratégias de inclusão para todos, pois articular teoria e prática, dentro do curso de licenciatura em Pedagogia é um grande desafio, pois para Franco (2012, p. 179), “é um problema que a Pedagogia como ciência deverá resolver, ou seja, estruturar-se como ciência da prática e para a prática”. O que pode promover mais inclusões e democratização do aprender no espaço educacional, pois para Franco (2012, p. 203).

A prática docente, quando considerada como prática social, historicamente construída, condicionada pela multiplicidade de circunstâncias que afetam o docente, a instituição, o momento histórico, o contexto cultural e político, realizar-se-á como práxis, em um processo dialético que, a cada momento, sintetiza as contradições da realidade social em que se insere [...].

É possível, vislumbrar possibilidades de democratização do discurso e prática escolar, onde todos podem se expressar, mas é sabido que é um processo que merece ser visto com atenção e cuidado, pois, cada passo dado, deve ser dado com uma pedagogia que permita vez e voz a todos do espaço educacional.

3. METODOLOGIA

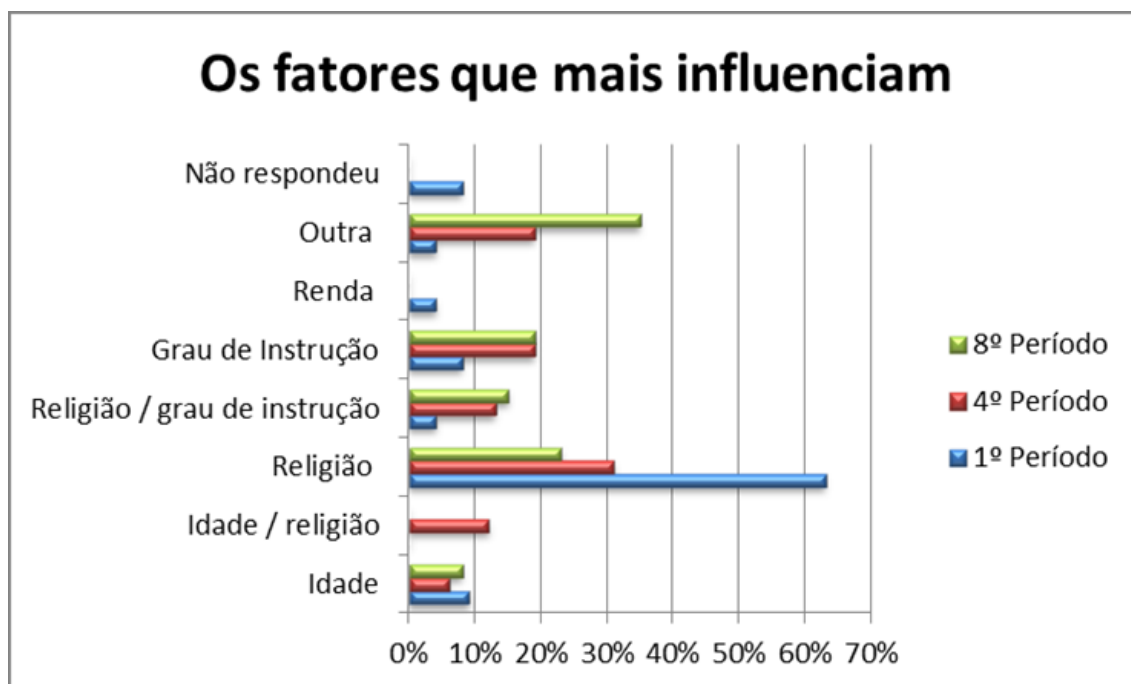
Para investigação sobre este tema, foi utilizada uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa, para o conhecimento dos vários fatores possíveis relacionados aos desafios relacionados as questões de gênero e sexualidade. Sujeitos: os alunos do primeiro, quarto e sexto período do curso de licenciatura em Pedagogia matriculados no primeiro semestre do ano de 2018 numa universidade pública na cidade de São Luís do Estado Maranhão, onde todos assinaram o termo de consentimento e entregaram o no mesmo dia o questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltiplas escolhas, respondido em sala de aula na Instituição de Ensino Superior.

4. RESULTADOS

Na questão Em sua opinião quais os fatores que mais influenciam você sobre a dificuldade em lidar com a diversidade sexual? – alunos(as) do 1º período, 63%, responderam: religião. 9%, responderam: idade. E, 8%, responderam: grau de instrução. No 4º período, a maioria, 31%, responderam: religião. E em segundo lugar, 19%,

responderam: grau de instrução. 19%, responderam: outra, mas não identificaram a questão. Já no 8º período, 35%, responderam: outra, mas também, não identificaram a questão. 23%, responderam: religião. E, 19%, responderam: grau de instrução.

Gráfico 1 – Em sua opinião quais os fatores que mais influenciam você sobre a dificuldade em lidar com a diversidade sexual?



Fonte: Construção da autora com base em informações fornecidas pelos(as) aluno(as).

É importante considerar que estamos vivendo em constante processo de mudanças que tem exigido de quem é diferente, uma postura mais firme e clara sobre quem é e o que quer na/da sociedade e no tocante as questões do gênero e da sexualidade percebe-se que também é contemplado por esta necessidade de se afirmar ou se apresentar nos grupos sociais que faz parte, pois conforme Arroyo (2012, p. 23) “A sociedade e o Estado não podem ignorar que convivemos com corpos marcados pelo sofrimento, pela fome, pelas múltiplas violências e doenças, pelo desgaste da velhice que se prolonga”. Ou seja, é um fenômeno social real e que pede, reivindica o direito de ser/existir tal como é, pois fenômenos biológicos, como infância e velhice reclamam cuidados especiais, assim como ser lésbica, gay, bissexual ou trans, merecem cuidados que conclamam uma educação mais inclusiva, para que o sujeito tenha a garantia de estar na escola tal como é, na sua expressão sexual e/ou de gênero, pois marcam o indivíduo, forma a sua identidade escolar, pois de acordo com o mesmo autor e página, são “Corpos de crianças-adolescências condenadas precocemente a vidas precarizadas pelo trabalho infantil, pela violência social, sexual, pelos preconceitos, pela homofobia e pela pederastia, pela dor e pelo sofrimento, pela fome e pela desproteção.”

3 CONCLUSÃO

Nota-se que os resultados encontrados em torno do tema, apresentam, correlação com a religião, como a variável norteadora da maioria das respostas dos sujeitos participantes e que as questões que envolvem os fatores de dificuldade em discutir ou dialogar sobre as sexualidades podem ser melhor entendida quando o espaço educacional oportuniza a reflexão sobre o tema em questão com mais democracia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da. (Organizadores). **Corpo-infância : exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012. - páginas 23 e 27.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado : pedagogias da sexualidade (organizadora) ; Tradução dos artigos : Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. - páginas 85, 89 e 93.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). **Pesquisas sobre currículo, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2018. - página 13.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação** / Bernard Charlot; tradução Maria José do Amaral Ferreira. – Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta). - páginas 53, 55 e 56.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edição Graal, 1988.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. / Bernard Charlot; tradução Maria José do Amaral Ferreira. – Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta). - páginas 53, 55 e 56.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2012. - (Coleção Docência em Formação: Saberes Pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta). - páginas 162, 171, 179 e 203.

HOOKS, Bell. **Eros, erotismo e o processo pedagógico**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado : pedagogias da sexualidade (organizadora) ; Tradução dos artigos : Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. - páginas 115 e 122.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista / Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade. O corpo educado : pedagogias da sexualidade** (organizadora) ; Tradução dos artigos : Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. - páginas 17.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediência de gênero.** – salvador, BA: Editora Devires, 2017. – páginas 27 e 61.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado : pedagogias da sexualidade (organizadora) ; Tradução dos artigos : Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. - páginas 48, 49 e 62.